

A dinâmica da sociedade de risco segundo Antony Giddens e Ulrich Beck

Agripa Faria Alexandre*

Resumo

Este artigo versa sobre uma análise crítica do pensamento de Anthony Giddens e Ulrich Beck. Sobre o primeiro especialmente por este descrever a emergência das ilimitadas transformações ambientais e sociais como decorrente da enorme reflexividade nas práticas sociais a que os cientistas estão induzindo. Sobre o segundo por este pressupor que já existe uma 'lógica' da sociedade de risco que substituiu a da sociedade de classe devido à irresponsabilidade dos mesmos cientistas. As diferenças mais importantes de pontos de vista entre os dois sociólogos em termos das mudanças em se analisar a sociedade tendo em vista a produção e a distribuição dos riscos sociais e ambientais são aqui apresentadas.

Abstract

This article deals with a critical analyse on Anthony Giddens' and Ulrich Beck's thought, specially for that while the former simply describes the emergence of unlimited environmental and social transformations caused by enormous reflexivity in social practices that experts in Science have been inducing, the latter presupposes that the 'logic' of class society is already substituted by the 'logic' of risk society due to the very experts who he accuses of having no responsibility at all. The most important different points of view between these sociologists in terms of changings in the

* Professor do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da Universidade Regional de Blumenau/FURB e doutorando do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciência Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC.

manner of analysing society due to the production and distribution of social and environmental risks are here presented.

Introdução

Vivemos hoje numa sociedade de risco que pode ser definida pela incontrolabilidade da produção do conhecimento perito e pela desorientação ou reflexividade que essa falta de controle provoca nas práticas sociais. Teóricos da Sociologia, como Antony Giddens e Ulrich Beck, analisam os fenômenos resultantes desse tipo de sociedade e procuram não só destacar o aumento de reflexividade nas práticas sociais mas também chamam a atenção para a necessidade de se tentar definir melhor qual o tipo afinal de sociedade que estamos construindo. A nova crítica à modernidade que emerge é então, por exemplo, a crítica de Beck ao poder da Ciência (Guivant, 1998: 15).

Na atualidade, para Ulrich Beck, cuja obra **Risk Society** é considerada, segundo Scott Lash e Brian Wynne (Introduction - **Risk Society**) um dos mais influentes trabalhos de análise social do final do século (foi publicada em 1986, na Alemanha, e em 5 anos alcançou o total de 60.000 cópias), vivemos não mais exclusivamente preocupados em transformar de forma utilitária a natureza, ou tentando livrar a humanidade dos tradicionais males e contingências, mas também temos agora de nos preocuparmos com os resultados, muitas vezes sem transparência, do desenvolvimento técnico e econômico. A modernização (ou era da especulação ou ainda era vulcânica, como Beck a descreve) tem hoje que ser analisada continuamente, porque se tornou arriscado confiar nela (Beck, 1992: 19).

Os estudos sobre risco individual, social e ambiental que eram restritos às sub-áreas da Ciência, tais como a Toxicologia, a Epidemiologia, a Psicologia e as engenharias, passaram a constituírem-se em temas políticos problemáticos com repercussão em agendas de políticas públicas de governo e em comportamentos sócios-culturais (Guivant, 1998: 01).

médico, qual a melhor educação, qual a melhor dieta), ou seja a Ciência não nos oferece mais nenhuma certeza.

Ainda em Giddens, um entendimento do que vem a ser risco na alta modernidade, significa uma consciência de existência de um lado sombrio da modernidade, coisa que os fundadores da sociologia, Marx, Durkheim e Weber deixaram de certa forma de considerar. Nestes três autores, para Giddens, as consequências da modernidade em termos de uma preocupação com os limites do uso da racionalidade científica e dos danos ambientais resultados das práticas industriais não foram considerados. Marx aduzia claramente a uma superação das necessidades impostas pela natureza tomada a partir do aperfeiçoamento do uso da técnica, de maneira tal que o incremento da industrialização somente deveria libertar mais o trabalhador e que nesse rumo a luta de classes estaria com seus dias contados. Durkheim precisava que a felicidade da sociedade moderna era alcançável exatamente através do industrialismo, se aperfeiçoada a solidariedade orgânica com cooperativas e associativismos. Weber desprezava a modernidade pela sua crueza racionalizante e burocratizante, porém ele nunca imaginou que essas duas características da modernidade se somariam a uma perda de controle com riscos sociais e ambientais.

Salientamos textualmente a leitura de Giddens sobre os três clássicos da Sociologia :

“ Tanto Marx como Durkeim viam a era moderna como uma era turbulenta. Mas ambos acreditavam que as possibilidades benéficas abertas pela era moderna superavam suas características negativas. Marx via a luta de classes como fonte de dissidências fundamentais na ordem capitalista, mas vislumbrava ao mesmo tempo a emergência de um sistema social mais humano. Durkeim acreditava que a expansão ulterior do industrialismo estabelecia uma vida social harmoniosa e gratificante, integrada através de uma combinação da divisão do trabalho e do individualismo moral. Max Weber era o mais pessimista entre os três patriarcas fundadores, vendo

o mundo moderno como um mundo paradoxal onde o progresso material era obtido apenas à custa de uma expansão da burocracia que esmagava a criatividade e a autonomia individuais. Ainda assim, nem mesmo ele antecipou plenamente o quão extensivo viria a ser o lado mais sombrio da modernidade.

Para dar um exemplo, todos os três autores viram que o trabalho industrial moderno tinha conseqüências degradantes, submetendo muitos seres humanos à disciplina de um labor maçante, repetitivo. Mas não se chegou a prever que o desenvolvimento das “forças de produção” teria um potencial destrutivo de larga escala em relação ao meio ambiente material. Preocupações ecológicas nunca tiveram muito espaço nas tradições de pensamento incorporadas na Sociologia, e não é surpreendente que os sociólogos hoje encontrem dificuldade em desenvolver uma avaliação sistemática delas” (Giddens, 1990: 16 - 17).

Giddens chama a atenção ainda para sete formas de se caracterizar os riscos. Primeiramente, ele chama a atenção para a *globalização do risco* em termos de *intensidade* do mesmo. O exemplo que oferece é o de uma guerra nuclear, a qual pode por fim a nossa sobrevivência. Em segundo lugar, ele identifica essa mesma globalização do fenômeno risco com respeito “*a expansão da quantidade de eventos contingentes que afetam todos*” (Giddens, 199: 126); por exemplo, os riscos referentes às rápidas mudanças globais nas relações de trabalho: com o acelerado incremento da tecnologia, as margens de lucratividade na produção tenderam a diminuir nos últimos anos, de modo que a oferta de mão de obra diminuiu também. Depois, em terceiro lugar, Giddens dá atenção aos riscos do que ele chama como provenientes da socialização da natureza, a forma dada à natureza pelo homem (a manipulação genética de alimentos, por exemplo, com riscos incalculáveis para a saúde humana). Os mercados de investimento financeiro são riscos que podem atingir a vida de milhões, como quarto risco na

classificação. Em quinto lugar, está a certeza, por irônica que pareça, de uma sabedoria de existência de risco: seriam as incertezas ainda não decifradas no caminho do conhecimento (o que o desconhecido ainda mais poderia nos proporcionar em termos de perigo). Em sexto lugar, está a popularidade do risco, o que Giddens diz ser a “*consciência bem distribuída do risco*” (Giddens, 1990: 127), a coisa mais curiosa e ambígua do ponto de vista da análise sociológica, mas que ele explica com duas justificativas: permanência constante de um certo grau de controvérsia sobre as informações dadas (causando também uma curiosa forma de sentimento de ‘insensibilidade’ perante o aspecto ‘ameaçador’ das circunstâncias em que vivemos) e um bombardeamento de informações que dificultam um alarde em resposta a qual risco anunciado que seria pior; a resposta a um deles só seria efetiva caso houvesse uma segurança maior sobre a sua imediata ocorrência. Por último, Giddens fala sobre o sétimo risco referente às limitações das práticas de perícias, risco não revelado pelos operadores dessas práticas, pois mesmo para eles nenhum sistema perito pode ser inteiramente perito em termos das consequências da adoção de princípios peritos (Giddens, 1990: 129).

Em suma, fica claro na abordagem deste autor que podemos falar de uma real existência do risco socialmente construído. Disso resulta que os valores da modernidade podem ser questionados partindo-se dessa só base de constatações. Ou seja, a antiga crítica comum à modernidade que passava pela constatação da inexistência de formas dignas de vida para a maioria das pessoas, hoje ressurgiu mais agravada com as revelações dos perigos criados pelos avanços científicos. A produção e distribuição de riquezas materiais significa a produção e distribuição dessas mesmas riquezas materiais com os riscos correspondentes embutidos. Carnes contaminadas por radiação provenientes de acidentes em usinas atômicas, por exemplo, parecem-nos muito mais como decorrentes de desastres com consequências em larga proporção (riscos globais também), mas existem igualmente os riscos invisivelmente embutidos na própria produção de alimentos com largas doses de conservantes,

estabilizantes, etc., passados para os consumidores leigos e tidos como riscos 'aceitáveis' pelas autoridades técnicas. A crítica é intrínseca à lógica das sociedades industriais baseada em valores materiais, uma vez que esses valores materiais não possuem mais o significado de alcance de bem-estar, mais sim o significado de mal-estar (o risco individual, social e ambiental). E é exatamente nessa linha de pensamento que a abordagem de Ulrich Beck vai se mostrar mais crítica.

Antes porém de passarmos para a análise do pensamento de Beck, gostaríamos de sublinhar a posição de Giddens com respeito às transformações das relações pessoais na sociedade de risco (na verdade Giddens identifica, em *As conseqüências da Modernidade*, estas transformações como resultantes do processo de modernização reflexiva ou da alta modernidade, o estágio em que a modernidade alcançou na contemporaneidade), precisamente no tocante à constituição da confiança e da identidade pessoal.

Já dissemos que a modernidade tem sido freqüentemente caracterizada pelo apetite pelo novo. Na sociedade de risco, o que é característico da modernidade é agora não mais a adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada. As reivindicações da Ciência à certeza, hoje desacreditadas, exprimem-se da forma como Karl Popper define a Epistemologia da Ciência, o fato de que ela repousa sobre areia movediça (Giddens, 1990: 45 - 46). A constituição da confiança e da identidade pessoal parecem-nos também repousarem neste mesmo chão.

As relações sociais neste tipo de sociedade precisam, como em qualquer outra, de padrões de normalidade para que os indivíduos possam estabelecer relações de confiança mútua e é comum que essas relações fundem-se em censos de continuidade de coisas e eventos, mas a diferença da sociedade de risco está no fato de que, com os referenciais abstratos criados pela Ciência, instalam-se dificuldades para se estabelecer elos de ligação pessoal. Os sistemas abstratos de que Giddens nos fala, referem-se às relações sociais possíveis e sem limites, criadas pela modernidade dentro de concepções de espaço-tempo alargadas e fugidias, mas determinantes para as relações sociais em eventos localizados. Os

sistemas peritos definidos por Giddens operam da mesma forma, ou seja, os atores sociais modernos 'confiam' (sem conhecimento) nas informações passadas pelos peritos (ou técnicos) (Giddens, 1990: 85 - 102.).

As dificuldades para se estabelecer elos de ligação pessoal de confiança em meio à existência de sistemas abstratos e sistemas peritos fazem então com que os atores sociais necessitem disputar a confiança pessoal por meio de demonstrações de cordialidades trabalhadas. Instala-se assim um jogo para se ganhar a confiança do desconhecido, não simplesmente porque esse desconhecido é parte constitutiva da modernidade, sendo aquele que Giddens identifica como as pessoas com quem interagimos a maior parte do tempo sem que as conheçamos. Nem se trata também das relações efêmeras que acabam sendo criadas quando ocorrem aproximações (Giddens, 1990 : 84).

O que constitui propriamente uma transformação das relações de confiança numa sociedade de risco se deve ao fato de que a intimidade deixou de ser tratada como espaço amorfo, restrito às indeterminações e às subjetividades do ser social em seu contexto familiar, de lazer, afetivo, etc. Ela ganha então conteúdo científico próprio, com direito a definições estatísticas ou probabilísticas proporcionadas pelos estudos concebidos para determinar a vida íntima. Assim, por exemplo, as decisões sobre as melhores dietas, sobre os benefícios deste ou daquele exercício físico, norteiam a esfera da vida privada, de tal maneira que a melhor caracterização das nossas práticas sociais é a de que elas passaram a ser reflexivas, porque passamos a abandonar práticas tradicionais da própria modernidade (Giddens, 1990: 125).

E exatamente porque passamos a abandonar práticas tradicionais da própria modernidade, tendo que refletir indiscriminadamente sobre as conseqüências de sermos modernos, é que corremos riscos mais intensos. Por exemplo, na modernidade o conhecimento leigo estava sujeito ao conhecimento perito de um especialista em nutrição ou em desporto, mas hoje, com a modernização reflexiva, não só nos acostumamos a recorrer a esses peritos, mas também a outros de outras áreas afins. Inclusive

quando nos sentimos de tal forma confusos com tamanha carga reflexiva de informações, costumamos nos voltar para conhecimentos que se contrapõem frontalmente às informações científicas e que passam curiosamente a ganhar legitimidade, como os livros de auto ajuda e de mensagens religiosas.

A identidade pessoal passa também a ser buscada através de introjeções guiadas muitas vezes para a satisfação da auto realização e da sexualidade. Não se trata aqui de um tipo de retorno ao mundo do amor romântico ou ao mundo da liberalização, empreendido pelos jovens revolucionários da década de 60 e 70. O processo de criação da auto identidade faz-se agora como uma leitura leiga do conhecimento perito, ou seja, daqueles cidadãos comuns que ‘descobrem’ os supostos benefícios da Ciência. As diversas terapias espirituais, a auto ajuda psíquica e psiquiátrica, os processos abertos de questionamento assumidos por parceiros sexuais, ou ainda os autoquestionamentos existenciais guiados à luz de sempre novas informações, operam nos atores sociais mudanças reflexivas. A intimidade e a identidade pessoal passam por conseguinte a formarem um campo de ‘descobrimento’ sem limites para a Ciência. O *‘admirável mundo novo’* (**Brave new world**), de Aldous Huxley, hoje está banalizado.

A dinâmica da sociedade de risco segundo Ulrich Beck

Passando então para uma análise da obra de Beck, de saída percebemos que a crítica ao caráter atual da modernidade é inteiramente tomada, tendo como razão de ser o fato de que se estimou sobremaneira a capacidade humana de predição e controle social. A crítica de Beck é dirigida ao estatuto de verdade conferido à Ciência (que não deveria ser então escrita com letra maiúscula...).

Em linhas gerais, ele apresenta uma proposta diferente de se conceber as modernas sociedades industriais, qual seja analisá-las a partir da ótica da produção e distribuição do risco.

Em **Reflexive Modernization**, obra escrita em conjunto com Anthony Giddens e Scott Lash, Beck caracteriza sinteticamente a diferença entre uma sociedade moderna e uma sociedade de risco :

“Anyone who conceives of modernization as a process of autonomized innovation must count on even industrial society becoming obsolete. The other side of the obsolescence of the industrial society is the emergence of the risk society. This concept designates a developmental phase of modern society in which the social, political economic and individual risks increasingly tend to escape the institutions for monitoring and protection in industrial society.

Two phases can be distinguished here : first, a stage in which the effects and self-threats are systematically produced but do not become public issues or the centre of political conflicts. Here the self-concept of industrial society still predominates, both multiplying and ‘legitimizing’ the threats produced by decision-making as ‘residual risks’ (the ‘residual risk society’).

Second, a completely different situation arises when the dangers of industrial society begin to dominate public, political and private debates and conflicts. Here the institutions of industrial society become the producers and legitimators of threats they cannot control. What happens here is that certain features of industrial society become socially and politically problematic. On the one hand, society still makes decisions and takes actions according to the pattern of the old industrial society, but, on the other, the interest organizations, the judicial system and politics are clouded over by debates and conflicts that stem from the dynamism of risk society “ (Beck, Giddens and Lash, 1995: 05)

Dito dessa forma, ao nosso ver, nada teria na atualidade maior poder de crítica à ordem fundamental da modernidade. Mas antes vejamos mais detalhadamente as principais assertivas deste autor na obra *Risk Society*.

Nos dois primeiros capítulos da sua obra *Risk Society*, “A lógica da distribuição da riqueza e da distribuição do risco” e “A política do conhecimento na sociedade de risco”, Beck já prenuncia que sua crítica é dirigida à racionalidade científica que passa a determinar a lógica da racionalidade social.

Para os teóricos da Escola de Frankfurt, o poder disciplinador, racionalizante e burocratizante capaz de levar ao *desencantamento da vida*¹ alcançou os espaços culturais. Isso correspondeu ao fim de qualquer esperança, por menor que fosse, no poder libertador da razão. Hoje, para Beck, esse poder é mais terrível, porque ele ao invés de ser distribuído atendendo tão somente aos interesses de uma estrutura capitalista de produção de mercadorias, ele passa a levar consigo também mais um conteúdo dissimulado de segurança, sobre o qual nossa consciência é algo por demais impotente para impor resistência. Tomando um exemplo comparativo bastante simples e banal: se temos que ser castigados pelo mau gosto cinematográfico, musical, teatral e novelesco que o poder econômico impõe de forma mecanizada as nossas formas de lazer – isso não é nada se comparado ao fato de que somos

¹ Em termos de influência herdada, não seria errado afirmar-se que Horkheimer e Adorno receberam ‘as dicas’ da crítica de Max Weber à modernidade. É ilustrativa a forma que Adorno escreve, quase antecipando um Ulrich Beck: “Considerando-se que o iluminismo tem como finalidade libertar os homens do medo, tornando-os senhores e liberando o mundo da magia e do mito, e admitindo-se que essa finalidade pode ser atingida por meio da ciência e da tecnologia, tudo levaria a crer que o iluminismo instauraria o poder do homem sobre a ciência e sobre a técnica. Mas ao invés disso, liberto do medo mágico, o homem tornou-se vítima de novo engodo: o progresso da dominação técnica”. A diferença do pensamento de Adorno é que este apenas concentrou mais suas críticas às transformações culturais, *Os Pensadores*, Nova Fronteira, 1991. Página IX.

forçosamente envenenados pela química dos alimentos de consumo diário. Assim, a lógica diária da escassez de tempo, imposta pelo ritmo frenético de nossas atividades, obriga-nos a delegar aos conhecimentos técnicos uma confiança que está cedida para todos que detêm o conhecimento das mais variadas formas de operar com o risco: riscos alimentares, riscos do sistema de segurança de usinas atômicas, riscos de medicamentos, riscos de veículos, riscos de contaminação radioativa de equipamentos de uso doméstico, etc.

Para Beck a realidade social hoje parece não mais exprimir-se através de uma clara divisão de classes, cujas relações e conflitos explicitamente manifestavam-se tendo em vista a distribuição da riqueza. Um elemento novo, muitas vezes imperceptível e implacável, criado pelo avanço científico sem limites, parece se impor como norteador das condutas sociais: o risco. Na atualidade, as necessidades imediatas para serem satisfeitas necessitam competir com o conhecimento do risco. A lógica da competição das mercadorias carrega consigo a lógica da competição de um conhecimento prévio sobre o risco. Num exemplo banal: o melhor carro não é mais o mais caro, mais econômico ou luxuoso, mas o mais seguro também.

Noutro sentido ainda: parece que a preocupação econômica fundamental em lidar com a escassez é substituída pela preocupação social em lidar com o risco. Dentro da certeza da escassez de recursos de um trabalhador que investe suas economias em determinado negócio, está incorporada uma reflexão referente a questão de conhecer qual risco social, ambiental e individual ele pode correr.

Assim, na modernidade avançada, para Beck, o debate sociológico em torno da relação entre distribuição da riqueza e produção (e reprodução) de desigualdades de classe não tem como prescindir do debate em torno da distribuição do risco. Dessa forma, a preocupação com as desigualdades sociais complexifica-se: mais do que redistribuição das riquezas materiais, outra preocupação surge no debate sociológico, qual seja saber como prevenir, minizar, dramatizar e canalizar a distribuição do risco.

A forma textual merece aqui ser reproduzida:

“ Inequalities in class and risk society can therefore overlap and condition one another; the latter can produce the former. The unequal distribution of social wealth offers almost impregnable defensive walls and justifications for the production of risks. Here a precise distinction must be made between the cultural attention to risks and their actual diffusion.

Class societies are societies where, across all the gaps between classes, the main concern is the visible satisfaction of material needs. Here, hunger and surplus or power and weakness confront each other. Misery needs no self-confirmation. It exists. Its directness and visibility correspond to the material evidence of wealth and power. The certainties of class societies are in this sense the certainties of a culture of visibility : emaciated hunger contrasts with plump satiety; palaces with hovels; splendor with rags.

These evident qualities of the tangible no longer hold in risk societies. What escapes perceptibility no longer coincides with the unreal, but can instead even possess a higher degree of hazardous reality. Immediate need competes with the known element of risk. The world of visible scarcity or surplus grows dim under the predominance of risks.

The race between perceptible wealth and imperceptible risks cannot be won by the latter. The visible cannot compete with the invisible. Paradox decrees that for that very reason the invisible risks win the race “ (Beck, 1992: 44 - 45).

Podemos dizer mesmo que existe uma arquitetura social e uma dinâmica política da sociedade de risco. A força dos fatos vem tornando imperativo de se considerar o risco como categoria de discussão de agendas de políticas públicas.

A radioatividade, por exemplo, pode atingir a todos, mas em outros riscos é a posição social que conta. A produção de risco mais e mais configura um cenário internacional de desigualdades. Não é por acaso que grandes laboratórios de indústria química procuram os países pobres para instalarem suas fábricas. Seguindo essa mesma lógica, é comum governos e cientistas definirem absurdamente o que vem a ser *'taxas de poluição aceitáveis'* ou o *'risco médio'*. Isso demonstra uma ausência efetiva de controle sobre a responsabilidade científica e a dependência de todos com relação a um conhecimento sobre o que pode ser ou não considerado risco. Na falta de certeza e responsabilidade científicas, vale a força dos argumentos: como o risco pode ser eliminado, negado, reinterpretado. O risco é invariavelmente matematizado ou proporcionalizado de forma que o indivíduo possa ter alguma segurança. Quanto mais se desenvolve a sociedade de risco, mais cresce o número de pessoas que são afetadas por ele. E é porque justamente a lógica da produção de riqueza supera a necessidade de se afastar o risco que uma sociedade de risco funda-se com maior reconhecimento e importância.

Na sociedade de risco, Beck também nota, a importância social e econômica do saber sobre risco e perigo é estruturada através dos veículos de comunicação. Nesse sentido, a sociedade de risco iguala-se à sociedade do saber, da mídia e da informação. Prova maior é que governo e comunidade científica fixam níveis aceitáveis de risco e todos baseiam suas vidas a partir daí. Contudo, o controle institucional sobre o risco também foge aos limites do estado-nação.

Parece ficar claro assim, segundo Beck, que a insistência na ideia de existência de uma sociedade de risco é para mostrar que a importância atribuída ao desenvolvimento (produção de riqueza) com base na Ciência vem nos levando à reflexividade cada vez maior. Esta reflexividade ultrapassa em sentido àquela expressa na crítica dos movimentos de contracultura ou mesmo nas expressões literárias, musicais etc.

Além disso, quanto mais reflexiva é a sociedade mais ambígua ela se torna também, é o que parece que Beck tenta

mostrar. Nossos conhecimentos sobre o risco que corremos podem ser ampliados; até acreditamos saber bem como minimizá-los, mas os dados de que dispomos são inúteis a maioria das vezes, de modo que sempre corremos algum risco. No caso do uso de remédios ou alimentos, de que adianta termos acesso aos elementos químicos que estão listados nas bulas e embalagens? Em havendo uma alta reflexividade social, como de fato há, isso não necessariamente é indicativo de que existem mudanças de comportamento social, pois estamos presos às amarras dos laboratórios e à falta de interesse das autoridades públicas que tem o poder de polícia para empreender mudanças significativas na produção e distribuição dos riscos. Mesmos as pessoas que sabem que correm determinados riscos e podem afastá-los, não estão dispostas a mudar, curiosamente. A melhor hipótese que Beck levanta para explicar essas questões é de que com a crise do conhecimento perito (com tamanha produção de conhecimentos contraditórios) advém naturalmente uma desorientação reflexiva no conhecimento leigo.

Diante de tudo isso que foi dito, podemos concluir que a inedicidade da reflexividade que Beck tenta mostrar se deve à força dos impasses criados pela racionalidade científica que a racionalidade social não consegue explicar.

Textualmente, Beck chega a ser irônico:

“ Something similar applies to Kant’s view that ‘things in themselves’ are by nature beyond our knowledge “ (Beck, 1992: 73).

Devido a manipulação científica de alimentos, remédios, o perigo da radioatividade, poluição crescentemente incontrolável do ar, água e os efeitos sobre plantas e animais, hoje a natureza não é mais simplesmente um elemento dado para a satisfação de nossas necessidades e construção de conforto. A natureza é um tema político que nos força a discutir sobre os fundamentos do nosso conhecimento e de nossas posições morais. Curioso é que mesmo Beck, diante de tantas incertezas criadas pelo risco da produção científica, pondere ao final que não está claro se é o risco que se intensificou, ou nossa percepção sobre ele (Beck, 1992: 55). Sabemos somente que a história da evolução do conhecimento e

reconhecimento dos riscos coincide com a história da desmistificação das Ciências (Beck, 1992: 59).

Mas Beck é apocalíptico. A Ciência está em crise e precisa ser reformulada. A sociedade para ele é um grande laboratório, porque assinamos um cheque em branco para a Ciência. Sua idéia de reflexividade não é individual, mas social, exatamente pela razão de que os processos de reflexividade (recorrência incessante às informações vinculadas) são de tal ordem necessários devido a idéia de risco estar tão presente nas nossas sociedades industriais. Mas Beck imagina que a Ciência ainda possa ser uma Ciência negociada, discutida: uma nova Ciência. Ele é catastrofista em relação aos dados existentes, porém é otimista em relação as alternativas possíveis de serem imaginadas.

Conclusão

Concluimos que, da obra de Giddens consultada aqui, na parte que se refere aos riscos, mostrou que esses riscos (sociais e não individuais) são parte do defeito do projeto da modernidade de que o autor fala. Eles não derivam de defeitos ou falhas operatórias propriamente ditas (erros humanos de operadores de usinas nucleares ou falhas nos cálculos matemáticos de previsões de riscos, por exemplo), mas das *conseqüências involuntárias* e da *reflexividade* ou *circularidade do conhecimento social* (Giddens, 1990: 152). Em outras palavras, Giddens enfatiza que o risco social de hoje está incorporado na própria maneira de ser da modernidade, devido à forma complexa que esta atingiu. Assim, a modernidade está sempre sendo reinventada e procurando auto corrigir-se. A modernidade é exatamente isso: um projeto sendo sempre reexaminado.

A modernidade de Giddens é reflexiva; a de Beck *deve* ser reflexiva. A dinâmica da sociedade de risco de Giddens é reflexiva em decorrência da produção de sempre novas informações ou em decorrência da necessidade dessas informações produzidas de virem em socorro às conseqüências sociais imprevisíveis que são produzidas. A dinâmica da sociedade de risco de Beck deve

questionar o cheque em branco que ela deu à Ciência para produzir exatamente os meios para se chegar à produção dessas conseqüências imprevisíveis.

A diferença entre estes dois autores centra-se no fato de que Beck culpabiliza a Ciência (os grandes laboratórios químicos, por exemplo) como responsável pela imensa produção de riscos sociais e ambientais. Giddens apenas consegue apreender o significado social de uma sociedade de produção de riscos, mas não aponta para soluções. A sociedade para Beck deve parar. O poder conferido à eficiência da Ciência em produzir aquilo de que precisamos (será que precisamos ?) para nossas vidas deve ser revisto radicalmente.

Por fim, Beck propõe então que devem ser criados novos parâmetros para se medir as responsabilidades sociais de produção de risco, mudando-se a responsabilidade da prova, de forma que os agentes industriais e os peritos devessem passar a estar obrigados a se justificar em público.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Textos escolhidos. Vida e obra.** Coleção Os pensadores. Editora Abril, 1991.
- BECK, Ulrich. **The risk society. Towards a new modernity.** Londres: Sage, 1992. Prefácio e capítulos 1 e 2.
- BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony, LASH, Scott. **Reflexive Modernization. Politics, Tradition and Aesthetics in the Modern Social Order.** London : Polity Press, 1995.
- GIDDENS, Antony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora da UNESP, 1990.
- _____. **Para além da Esquerda e da Direita.** São Paulo : Unesp, 1994.
- GUIVANT, Julia S. **A trajetória das análises de risco : da periferia ao centro da Teoria Social.** Caderno de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, UFSC. No. 14, julho de 1998.